

A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA QUILOMBOLA: DISCURSOS E FAZERES

Márcia Andrea dos Santos¹

Resumo: Esta pesquisa objetiva discutir como se dá a constituição do discurso quilombola identidade e cultura, tendo como locus uma escola quilombola, no Paraná. Como o discurso sobre a cultura se apresenta e constitui o professor quilombola, práticas e fazeres que estabelecem a diferença. As falas foram coletadas em uma atividade de pesquisa do Mestrado em Letras da UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. No encontro objeto desta análise os professores quilombolas e alunos do Mestrado conversaram sobre as práticas docentes. É sobre esse jogo de palavras, na constituição da identidade do professor e da escola quilombola, na historicidade das falas, nos dizeres e fazeres escolares, na constituição do ser negro no discurso é que se propõe discutir e compreender este contexto educacional tendo aporte teorias críticas sobre o discurso, identidade e cultura. Importa-nos neste texto trazer à discussão as significações, a constituição da escola como espaço sociocultural de negociação e integração de ideologias e práticas pautadas em memórias históricas, em objetos de ensino significativos historicamente, em engajamento comunitário tecendo discursivamente uma teia de contradiscursos racistas e preconceituosos por meio da escola quilombola, professores, alunos e comunidade.

Palavras-chave: Discurso quilombola; representação; multiculturalismo.

O contexto de pesquisa e os sujeitos

Neste texto objetivamos compreender a constituição da Escola quilombola, em um município do interior do estado do Paraná. Trata-se da Escola Maria Joana Ferreira, que tem seu funcionamento registrado desde 06 de fevereiro de 2009. A escola iniciou seus trabalhos em estrutura provisória cedida pela prefeitura, nasceu com intuito de desenvolver um projeto educacional voltado à história quilombola, ao desenvolvimento da comunidade, pautado em um discurso de resgate cultural, na valorização do negro, de sua história, de seus fazeres, de sua cultura.

Realizamos periódicas visitas a este contexto de diversidade para que os acadêmicos do Mestrado em Letras PPGL – UTFPR. Essas visitas promovem o debate e a compreensão sobre contextos culturalmente específicos e escolas de outras modalidades. Os acadêmicos são preparados durante a disciplina por meio de leituras teóricas e discussões pautadas nos conceitos de cultura, diversidade, multiculturalismo, representação e educação intercultural para que no momento da visita possam estabelecer um diálogo profícuo com os professores e gestores escolares e posteriormente, compreender e analisar os fatos observados durante a visita. Nosso objetivo com essa atividade é estabelecer o vínculo dos acadêmicos do Mestrado com contextos multiculturais para que se vivencie e compreenda melhor a diversidade. Além disso, propiciar que as escolas visitadas, ou neste caso a escola quilombola e sua natureza constitutiva possa ser conhecida por meio da análise das falas docentes. Para que por meio do discurso também se possa conhecer possibilidades de práticas nessas escolas. Essa roda de conversa também teve a contribuição da presidente da comunidade quilombola e fundadora da escola, além de professores quilombolas e não quilombolas que compõem o quadro docente da escola. Elaboramos previamente, em sala de aula, um roteiro de conversa, para que pudéssemos compreender melhor o contexto escolar. Havia a necessidade de compreender o funcionamento do currículo, as ações dos professores quilombola, seus objetivos.

¹ Professora Doutora do Departamento Acadêmico de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: andreama25@gmail.com.

Escola e significação

Entender como se constitui uma escola que se funda com base em uma identidade étnica e os liames de suas relações tanto com a comunidade, quanto com os professores quilombolas e não quilombolas poderá nos fazer perceber os conflitos identitários vividos pelos sujeitos aqui focalizados, as relações de poder vigentes na escola, na ação pedagógica, no discurso, na organização do sistema. Além disso, os discursos dos professores também nos fazem atentar para a função política da demarcação da fronteira cultural. Por isso, faz-se necessário compreender como o multiculturalismo em suas vertentes aparece imbricado neste contexto. Entendendo-se por meio das formulações de Souza Santos (2003, p. 14) que a emancipação social busca seus espaços em uma globalização alternativa ou contra-hegemônica, sendo o *multiculturalismo* um movimento de reconhecimento das diferenças e questionamento das identidades imperiais, dos falsos universalismos e dos poderes coloniais. Uma escola quilombola surge como a voz contra hegemônica, minoritária.

Os participantes da roda de conversa quando explicavam sobre o funcionamento da escola disseram que além dos critérios de seleção aplicados pelo Estado, os professores da escola também passam por uma seleção da comunidade, feita pelos líderes da comunidade, os quais dão uma carta de anuência, para que o selecionado desenvolva seus trabalhos em tal escola. Os professores prioritariamente devem ser quilombolas, mas como a comunidade ainda não supre toda a necessidade da escola, professores não quilombolas também atuam, mas passam por essa seleção diferenciada. Uma integrante da equipe pedagógica e outra da comunidade explicam quem é o professor quilombola:

D: ...quilombola porque ele nasceu no *quilombo*.

Para a professora (D) e para a participante da comunidade (L) o termo quilombola carrega a significação do direito, do direito à terra, a significação histórica e simbólica provocada pelas agruras da escravidão. Seria necessário um poder simbólico-histórico para demarcar um território contestado, um poder antes apagado, invisibilizado.

As raízes culturais e históricas significam aos professores quilombola o reencontro ao pertencimento, o ser negro, à negritude, ao encantamento da raça e da cultura. É preciso recriar o ser negro em um novo contexto, o contexto escolar quilombola. Mostrar um negro multicultural. Ao analisar nosso meio percebemos o quão estamos engendrados em um contexto globalizado, exigente de homogeneização. Um exemplo é o modelo escolar ocidental, que desde 1667, com a criação da fábrica dos Gobelins², se espalha para diferentes paragens do mundo.

Mas uma escola quilombola seria marcada por quais diferenças? Como ela se sustenta discursivamente na fala de seus sujeitos? Existe uma cultura escolar que há séculos está inculcada nos saberes e fazeres dessa instituição. Uma certa seleção do que deve ser ensinado e aprendido, como deve ser ensinado-aprendido, a quem deve ser ensinado. São papéis sociais, desde cedo definidos, que a partir do momento em que se chocam com uma realidade discordante, geram grandes conflitos: questionamentos de verdades, ações, realidades, mas que ao mesmo tempo, ao discordarem, ao gerarem o questionamento estão se constituindo outros, diferentes, discordantes. Constituídos nos discurso que proferem nesse vir a ser quilombola, calcado no discurso da raça, da descendência, da memória histórica e da cultura. Um dos conceitos de cultura institucionalizado no Ocidente baseia-se em critérios de valor, estéticos, morais e cognitivos, universais em áreas como a literatura, a música, a religião. Outra concepção que coexiste e divide o terreno com a anterior é a que reconhece a pluralidade de

² A fábrica dos Gobelins, em 1667, citada por Foucault, em Vigiar e Punir, previa a organização de um espaço escolar como conhecemos hoje. (FOUCAULT, 1987).

culturas, entendidas como “totalidades complexas que se confundem com as sociedades, permitindo caracterizar modos de vida baseados em condições materiais e simbólicas”.

L. *descendentes* daquelas pessoas que aqui... é::... descobriram... e aqui formaram seu quiLOMbo... *nós* somos quilombolas porque nós nascemos aqui... quem nasce fora do quilombo daí é descenDENte... os negros se instalaram aqui... DESde o princípio quando vieram... eles vieram na frente abrindo caminho pros bandeirantes... a minha vó dizia sempre... “*ah* teu avô veio na frente abrindo picada na frente das bandeiras”...

Nas vozes quilombola em busca de um localizar-se historicamente em um projeto multicultural político, o estabelecer-se num lugar histórico para o quilombola, a importância de seu trabalho e bravura nos desbravamentos e colonização. Silva (2002) critica, por exemplo, a vertente de multiculturalismo que denomina *multiculturalismo liberal*, por este celebrar a diversidade e a diferença de forma cristalizada, naturalizada, fixa. O discurso pedagógico recorrente sobre a questão da diversidade e diferença, neste aspecto, se reduz à tolerância e respeito, não problematiza e não traz à tona como são constituídas as diferentes identidades.

O ser quilombola vai além da questão da diversidade e da diferença, da tolerância e respeito, ele problematiza o lugar social e histórico hegemônico dado a si. Refaz esse lugar, reconfigura, ressignifica. Os aspectos culturais configuram-se no terreno político movidos pelas contradições geradas pela expansão desigual do capitalismo transnacional que fazem com que a cultura, seja um terreno onde ela própria, a economia e a política se realizam inseparavelmente e a cultura obtém força política. A contradição entra em choque com a lógica econômica e políticas que tem por objetivo refuncionalizá-la para a exploração ou dominação. Quando esta contradição ocorre, o termo política deve redefinir-se como política cultural – processo que emerge quando os atores sociais constituídos por significados e práticas diferenciadas entram em conflito. Essas práticas e significados processos culturais – “das margens” podem ser considerados como processos políticos capazes de redefinir formas de poder social (SOUZA SANTOS, 2003, p. 39).

A constituição da escola quilombola marca-se pelo discurso, faz-se no discurso, argumentar historicamente seu valor, sua existência, seus interesses e demandas, o conflito, a dificuldade para concretizar a ideia. O tramitar das ações burocráticas, o lidar com a legislação, o registro em documentos, a política educacional favorável ao interesse da comunidade, além de saber o caminho “certo” para conseguir o objetivo. Além de falar com a pessoa certa, percorrer o caminho certo, fazia-se necessários expor o registro no papel, argumentar e justificar a necessidade de uma escola quilombola.

L. ...e falamos lá com o diretor da... da diversidade que era o Vagner... né que era na outra... gestão do Requião... e:: nós falamos pra eles que nosso sonho aqui na comunidade era uma escola de quinta a oitava – nós dissemos – quinta a oitava... porque tem duas escolas municipal aqui né...

Após o funcionamento da escola fazia-se necessário que houvesse espaço para que professores da comunidade quilombola pudessem atuar na escola, o regime de seleção, a formação específica, os moldes de seleção de uma “escola comum” não se adequavam as necessidades ideológicas do projeto de escola que se queria construir. Fazia-se necessário mais debates e estratégias de enfrentamento.

D: nós negros nunca tivemos quase vez ficava lá pro final da fila... aqui na escola nós temos uma pedagogia de auto esTIMA... nós queremos que o negro seja visto é: ...com um olhar positivo

Ao compor a identidade do quilombola no processo de escolarização os professores quilombolas e sujeitos da comunidade questionam a *representação* hegemônica dada a ele pelo outro. De acordo com Silva (2002), a representação dá-se em sua dimensão de significante, de sistema de signos ou marca material, visível, exterior, não significando, portanto, representação mental ou interior. Em 1997, também Hall já definia a representação como sendo a produção do significado através da linguagem.

Novas representações são criadas na constituição do ser quilombola, na constituição da escola quilombola, marcas materiais precisam ser constituídas, “não ser o último da fila”, “o invisibilizado na história colonial”, “o que tem cabelo ruim”, ser protagonista na história, ter sua beleza valorizada, ter direitos iguais, conhecer a cultura e a história de seus antepassados, conhecer e resgatar expressões religiosas e culturais e conhecer seus significados. Parece que para compor os primeiros passos de uma escola quilombola é preciso conhecer a história dos negros e dos quilombos, valorizá-la, revivê-la, resgatá-la em significados e fazeres, instituí-la em um espaço hegemônico (a escola) partilhá-la com todos da comunidade. A escola quilombola inaugura um sentido político de fazer escola, passa a ser uma arena de diversos discursos, mais ainda dos discursos negros, dos discurso que ficaram à margem do sistema hegemônico educativo. Assim vai se promovendo uma identidade específica para aqueles sujeitos.

Pode-se compreender “temporariamente” essa escola quilombola constituindo-se, fazendo-se em meio as falas e as práticas de seus docentes, que pesquisam a cultura afro e afro brasileira como meio de estabelecer a memória e o hoje, um objeto material e simbólico, um jogo, uma música, um traço histórico, um recriar com base na história, nas cores, na língua, nas ações de luta. A constituição da escola passa por um enfrentamento do discurso preconceituoso, um enfrentamento em relação ao poder, às orientações legislativas acerca do sistema de ensino, sua hegemonia, suas regras. Há um fazer-se escola todos os dias, por meio da pesquisa ao passado e reverência histórica, de memória, de ações e engajamento ideológico. É necessário gostar, fazer parte, ser professor na escola quilombola é fazer parte desse movimento de igualdade, de respeito, de luta. Ser professor na escola quilombola é compreender o contexto, fazer parte dele, e senti-lo como seu. É colocar-se no lugar do outro e constituir com ele este espaço educativo, plural. Ser professor na escola quilombola não significa apenas “dar aulas” significa participar de uma realidade sociocultural, vivenciá-la, construí-la, dar sua contribuição na construção de uma realidade mais igualitária e respeitosa no âmbito do sistema de ensino.

Referências

- BHABHA, Homi. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 239-377.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, R. J.: Vozes, 2002. p. 103-133.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Produção social da identidade e da diferença. In: TOMAZ, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 73-102.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25-68.